

Globethics Repository



Mãe e mulher não são sinônimos [Mother and woman are not synonymous]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Zanoni, Anelise
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-10-30 15:50:00
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/159963

Mãe e mulher não são sinônimos

Na visão contemporânea, a mãe parece mais uma parceira dos filhos do que a figura clássica de uma serviçal que está completamente à disposição da família, afirma o psicólogo Alfredo Jerusalinsky

POR ANELISE ZANONI

Com as constantes mudanças na sociedade, os perfis de mãe e de mulher também estão em mutação. Nesse novo papel, ela aceita menos os sacrifícios, de acordo com a opinião do psicólogo e doutor em Educação Alfredo Jerusalinsky, que falou por e-mail à **IHU On-Line**.

“Situada numa posição mais simétrica no governo da família, sua palavra, ora tão portadora de saber quanto à do homem, não mais precisa se oferecer ao martírio da submissão para amortecer o rigor de uma rígida lei patriarcal ameaçando se abater sobre os filhos”, diz o especialista.

Para ele, por acréscimo, a posição de parceira e confidente - mais característica da mãe contemporânea - encurtou as distâncias que caracterizavam as relações entre os jovens e as mães excessivamente moralistas. Além disso, o atual cenário permite à mulher se tornar protagonista de vários universos, como o intelectual, o acadêmico e o profissional. “Se, por um lado, isto aumentou significativamente seu grau de liberdade, ao mesmo tempo, a deixou fortemente implicada nas consequências que suas decisões terão sobre seu destino”, avalia o psicólogo.

Doutor em Educação e Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo - USP e mestre em Psicologia Clínica, Alfredo Jerusalinsky lecionou na Universidade de Buenos Aires e atualmente é psicanalista Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - APPOA, da Association Lacanienne Internationale - ALI e do Grupo de Estudos Sigmund Freud - SIG. É também professor convidado na Universidade de Fortaleza - Unifor. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Muitas mulheres ainda acreditam que a maternidade é realmente o caminho para a felicidade?

Alfredo Jerusalinsky - A globalização, que até o momento está somente efetivada nos planos financeiro, das informações, do comércio e do consumo, nos transportes e nas comunicações, ainda não demoliu as barreiras culturais. Por isso, não é adequado generalizar quando falamos sobre “as mulheres”, já que elas, vítimas históricas da opressão masculina, encontraram formas de retenção de uma porção do poder se apossando de pequenos traços de valor emblemático em cada uma de suas respectivas culturas. Fitas coloridas, brincos e piercings, tatuagens, bordados, penteados, maquiagens, burcas, véus, lenços e batons, pentes decorados, molhos e temperos, perfumes e texturas, culinárias e tapetes,

mobília e decorados, em cada povo assumem combinatórias diferentes e são essencial e sub-repticiamente governados pelas mulheres. Esse reino sutil que se chama “lar” e que constitui o cenário no qual se desdobra a maternidade não é um reino uniforme. O quanto em cada cultura a maternidade continua a ser uma fonte de valorização e dignificação da mulher - ou seja, fonte de felicidade - é, hoje em dia, extremamente variável. A globalização, em lugar de uniformizar, tem trazido à tona esses contrastes. A fertilidade feminina hoje não é igualmente celebrada em todas as latitudes.

IHU On-Line - Como podemos avaliar, de modo geral, a mãe contemporânea?

Alfredo Jerusalinsky - Certamente é uma mãe menos sacrificial que a mãe

clássica. Situada numa posição mais simétrica no governo da família, sua palavra, ora tão portadora de saber quanto à do homem, não mais precisa se oferecer ao martírio da submissão para amortecer o rigor de uma rígida lei patriarcal ameaçando se abater sobre os filhos. A mãe contemporânea parece mais uma parceira dos filhos do que a figura clássica de uma serviçal.

IHU On-Line - As angústias que acompanham a mãe moderna estão muito relacionadas à liberdade delas de poder viver bem a vida e investir na profissão. Como combinar esses desejos com a maternidade?

Alfredo Jerusalinsky - Se entendermos “mãe contemporânea” como essa mulher que se situa na dobradiça entre a modernidade e a pós-modernidade (entre a prevalência da racionalidade

dade e a supremacia do gozar), ela se encontra em pleno conflito entre ser mulher e ser mãe que, atualmente, não são sinônimos.

Durante a modernidade - nas marcas que essa era transformou - a mulher adquiriu progressivamente o poder de governar suas escolhas amorosas e sexuais. Por acréscimo, a mulher - no mundo ocidental - tem se tornado protagonista dos universos intelectual, acadêmico e profissional. Se, por um lado, isto aumentou significativamente seu grau de liberdade, ao mesmo tempo a deixou fortemente implicada nas consequências que suas decisões terão sobre seu destino.

É lógico, então, que, se os níveis de angústia aumentassem, o sujeito feminino tentaria evitar a disjuntiva da escolha, levando adiante diferentes formas de realização em paralelo. Por exemplo, a realização materna e também a profissional de forma simultânea. Mas nem todas as mulheres têm recursos, apoio familiar e condições estruturais que as permitam articular uma empreitada semelhante. Nesses casos é comum que uma sensação de injustiça se faça presente durante o exercício da maternidade, na medida em que a mulher possa vir a se sentir vítima de uma dupla imposição em lugar de perceber que ela ficou presa às consequências de sua própria escolha.

IHU On-Line - Quando a mulher se depara com o papel de mãe pode haver uma grande crise de identidade?

Alfredo Jerusalinsky - A pergunta já assinala que há um corte entre “a mulher” e “o papel de mãe”. Não é um corte que tenha existido sempre na mesma intensidade. Sigmund Freud chegou a considerar que a maternidade era a realização mesma da feminilidade. Ocorre que durante séculos (incluindo aquele em que Freud viveu) o único recurso de validação social e subjetiva de sua existência era, para a mulher, ser mãe. Porém, a grande virtude da posição freudiana foi de perceber que o filho, por constituir-se num emblema fálico, passava a ter condição de fetiche para sua mãe. Essa descoberta continua válida, embora o filho deva, na atualidade, dividir a devoção materna com outros fetiches da

“A fertilidade feminina hoje não é igualmente celebrada em todas as latitudes”

cultura.

Se não houver uma crise de identidade é porque a mulher em questão não realizou a virada necessária para assumir a condição de mãe: o fetiche, em lugar de ser seu próprio corpo, precisa passar a se encarnar no corpo do filho. Trata-se de uma virada narcísica que é, precisamente, a que lhe permite suportar a desfiguração de seu próprio corpo, não sem passar - como é habitual - pela depressão puerperal.

IHU On-Line - A infância e a adolescência estão cada vez mais diferentes do que eram. Além da influência das tecnologias, o papel da mãe contribui para novos comportamentos?

Alfredo Jerusalinsky - É um lugar comum a sentença de que hoje as crianças crescem mais rapidamente, são mais inteligentes, mais sábias, aprendem de forma mais rápida, são mais espertas bem mais cedo que antigamente. Se Donald W. Winnicott¹ tem razão - e nós pensamos que a tem - em que é a mãe quem apresenta o mundo para seu filhote, e isso se verifica em que o bebê olha na direção para onde o olhar de sua mãe se dirige (isto claramente acontece já aos oito meses de idade), devemos assinalar que as mães atuais têm muito mais alvos que capturam seu olhar comparadas com as de antigamente. A diversificação de objetivos na vida feminina conduz a curiosidade de seus filhotes desde muito cedo para as variedades de objeto oferecidas pelo mundo circundante. Temos aí a razão de certa precocidade na posição infantil atual.

No que se refere aos adolescentes, a posição de parceira e confidente mais característica da mãe contemporânea encurtou as distâncias que caracterizavam as relações entre os jovens e as mães excessivamente mo-

¹ Donald Woods Winnicott (1896-1971): pediatra e psicanalista inglês. (Nota da IHU On-Line)

ralistas, formais e transmissoras dos “bons modos”, típicas das tradições patriarcais.

IHU On-Line - Na nova versão da maternidade o papel do pai fica, muitas vezes, ofuscado. Qual o significado dessa relação homem/mulher na sociedade contemporânea?

Alfredo Jerusalinsky - Os movimentos feministas (que exigiram duras lutas políticas), as demonstrações de capacidade laboral e intelectual diante a demanda social (originada nas revoluções industriais), o reconhecimento de sua aptidão para o desejo e o gozo sexual (contribuição da psicanálise), o enfraquecimento dos preconceitos religiosos (a mulher deixou de ser a representante do mal essencial), a transformação dos princípios jurídicos de gênero (equivalência de direitos), elevaram a mulher a um plano de igualdade com o homem. Nesse processo, que se desdobrou especialmente durante os últimos 150 anos, o homem perdeu os privilégios que lhes eram garantidos pela assimetria simbólica que regrava as relações entre o masculino e o feminino. Moldado sobre esses privilégios, o patriarca da família clássica, exercia uma autoridade quase omnimoda sobre o clã familiar. Seu saber era incontestável e ele era ao mesmo tempo juiz e legislador. Todos os desejos dos outros ficavam subordinados ao dele.

Durante certo período (talvez durante grande parte do século XX) o pai de família reagiu enraivecido diante o que ele vivenciou como uma destituição e partiu para a violência contra sua mulher. Leis como a famosa “Maria da Penha”, o surgimento da figura policial da “Delegacia da Mulher”, demonstram o quanto foi necessário proteger a mulher durante sua elevação para uma condição de igualdade. Paradoxalmente, essa ascensão determinou que seus novos poderes ficassem associados à sua antiga debilidade causando privilégios inversos do lado feminino. A figura psicológico-jurídica de alienação parental veio para ser aplicada especialmente contra a negativa materna a permitir o convívio do pai com seus filhos quando produzida uma separação conjugal.

A nova configuração familiar se apresenta como um cogoverno compartilhado entre a mãe e o pai que não poupa o lado masculino de um sentimento de perda de poder. Num outro viés dessa complexa questão, de fato se registra um declínio da função paterna no sentido de uma debilidade progressiva das expressões simbólicas da cultura cedendo seu lugar para o gozo do imaginário. Os homens se queixam do declínio de uma função que era suposta como uma propriedade do masculino, mas pouco fazem para restituí-la quando consomem seus esforços em reclamar pela perda de seu antigo lugar pessoal.

IHU On-Line - Atualmente, o que significa para uma mulher e para a sociedade ser uma mãe adotiva?

Alfredo Jerusalinsky - Hoje em dia a maternidade se define muito menos pela progenitora biológica do que pelo laço afetivo entre uma mulher e uma criança. Embora a pertença biológica continue a gerar obrigações e direitos, o âmbito jurídico tem aberto suas considerações para a importância dos vínculos baseados na reciprocidade amorosa e nas nuances das identificações primárias. O desaparecimento das figuras sociais degradantes ligadas às “origens bastardas”, a legitimação jurídica dos laços de parentesco adotivos e a relativização da autenticidade materna ligada ao modo tradicional da fecundação, têm aberto caminhos de maior liberdade e flexibilidade para a mãe adotiva não mais se sentir uma mãe de segunda categoria. Consequentemente, os filhos adotivos também não mais precisam se sentir filhos de segunda classe.

LEIA MAIS...

Confira outras entrevistas concedidas por Alfredo Jerusalinsky e publicadas no sítio do IHU:

- Doze perguntas sobre o inferno. Entrevista publicada em 29-03-2010 nas Notícias do Dia e disponível em <http://migre.me/4mlto>;
- A impunidade alenta o retorno da barbárie. Entrevista publicada em 17-08-2008 nas Notícias do Dia e disponível em <http://migre.me/4mlwD>;
- Borat, Babel e A Rainha e suas relações. Entrevista publicada em 09-03-2007 nas Notícias do Dia e disponível em <http://migre.me/4mlAS>.

Mulher hoje e o dilema das escolhas

Oportunidades profissionais e experiências no campo afetivo fazem com que as mulheres modernas experimentem conflitos e se deparem com uma encruzilhada que envolve a decisão de ser ou não mãe, afirma a psicóloga Iara Camaratta Anton

POR ANELISE ZANONI

Talvez a primeira mudança no comportamento das mulheres em relação à maternidade tenha surgido com o advento dos métodos anticoncepcionais. Desde então, mais maduras e responsáveis, elas passaram a definir a própria vida e a desenhar a carreira.

Diante dessas novas perspectivas, a psicóloga Iara Camaratta Anton, em entrevista por e-mail à IHU On-Line, afirma que é difícil esboçar hoje um perfil da mãe moderna. Mesmo assim, a partir de vivências próximas e da experiência que tem no consultório, afirma que as mulheres estudam mais e trabalham mais, almejando uma boa condição financeira, investem em relacionamentos estáveis e desejam que seus filhos sejam frutos destes relacionamentos.

“O fato de as mulheres estarem investindo em outras áreas de realização e contribuírem ativamente com as responsabilidades econômicas da família abre espaço para maior participação do pai, nos cuidados em relação aos filhos”, explica. Nesse panorama, mesmo com a mudança nas escolhas, o papel da mãe segue sendo o de estabelecer limites, fazer exigências, cuidar e amar os filhos.

Iara Camaratta Anton é psicóloga graduada pelo Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Obteve os títulos de especialista em Psicologia Clínica Aplicada e especialista em Psicoterapia de Orientação Analítica pela mesma instituição e atualmente ocupa a presidência da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. Entre os livros que assina destacam-se *A Escolha do Cônjuge - um entendimento sistêmico e psicodinâmico* (Editora Artmed), *Homem e Mulher - seus vínculos secretos* (Editora Artmed) e *Cegonha à Vista!* (Editora Est/POA). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O papel da maternidade sempre foi construído como o ideal máximo da mulher. Com o tempo, essa ideia fica cada vez mais obscura. Qual o papel da maternidade hoje?

Iara Camaratta Anton - A maternidade era completamente idealizada e encarada como se fosse algo inerente à biologia e ao psiquismo feminino. O fato é que as opções eram muito limitadas, até o advento de métodos anticoncepcionais mais eficazes, de modo que a vida sexual ativa e o nas-

cimento dos filhos formavam duplas praticamente inseparáveis. Além disso, as famílias julgavam-se tanto mais abençoadas quanto mais filhos tivessem, tendo em vista a ampliação da força de trabalho e da lucratividade nas empresas familiares. A Igreja, por sua vez, condenava qualquer tipo de controle da natalidade, considerando válidas somente as práticas sexuais que pudessem, eventualmente, resultar em filhos.

Nessas circunstâncias, as mulhe-